

# Cruzando as fronteiras de gênero: mulheres Tupi e europeias no relato de Claude D'Abbeville

*Laura T. Fishman*

*[In Memoriam]*

York College, City University of New York  
Nova Iorque – Estados Unidos da América

---

**Resumo:** Tradução de artigo<sup>1</sup> da Dra. Laura Fishman, recentemente falecida, cientista social que desde o final dos anos 1960 lecionou em diversas universidades nos Estados Unidos. Em sua carreira, privilegiou temas relacionados às questões de gênero, e extrapolou as atividades acadêmicas atuando em diversos movimentos sociais. O artigo traduzido a seguir trata das relações de gênero no período dos primeiros contatos entre europeus e nativos da América. A autora realiza uma análise compreensiva da bibliografia pregressa, mencionando especificamente os trabalhos de autoras feministas que procuraram reorientar a forma como se representava as mulheres nativas. A partir do relato do capuchinho Claude d'Abbeville, que viveu quatro meses na ilha do Maranhão em 1612, Laura Fishman procura refletir sobre o estatuto das mulheres Tupi em comparação com o das europeias e tece considerações a respeito das potencialidades e insuficiências das fontes disponíveis para o estudo do tema.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. França Equinocial.

---

Quando atravessaram o Atlântico em direção à América, os europeus cruzaram mais do que meras fronteiras geográficas. O encontro com os habitantes nativos os expôs a sociedades cujas estruturas políticas, econômicas, sociais e religiosas eram muito diferentes das que aceitavam como norma. O volume de estudos dedicados a analisar as complexidades das interações entre Nativos Americanos e Europeus continua a aumentar. Mais recentemente, tem-se dirigido grande atenção aos conceitos de gênero no processo de colonização<sup>2</sup>. Gênero é um fator chave na estruturação de todas as

---

<sup>1</sup> © French Colonial Historical Society. "*Crossing Gender Boundaries: Tupi and European Women in the Eyes of Claude d'Abbeville*", French Colonial History Volume 4, 2003, pp. 81-98, published by Michigan State University Press (DOI:10.1353/fch.2003.0016). Tradução feita por Daniel Rincon Caires (Especialista em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; Técnico em Assuntos Culturais/Historiador do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Contato: drincon@mls.gov.br). Agradecemos a Natalie Eidenier, editora da *Michigan State University Press*, pela autorização para publicação desse conteúdo.

<sup>2</sup> Uma importante coleção de ensaios sobre o tema é *Negotiators of Change: Historical Perspectives on Native American Women*, ed. Nancy Shoemaker (New York: Routledge, 1995). Na "Introdução" (p. 2-25), Shoemaker enfatiza que as questões de gênero tiveram uma influência vital na experiência de contato.

sociedades humanas, mas por se tratar de uma noção profundamente arraigada, é frequentemente ignorado. Encontros com indivíduos ou sociedades que têm conceitos de gênero diferentes dos nossos podem provocar reações fortes. Expandiremos as fronteiras de nossas definições, de maneira a reconhecer que o que acreditávamos serem padrões “naturais” de atividades e relacionamentos entre homens e mulheres são, na verdade, construções culturais e históricas? Ou os limites estão tão rigidamente estabelecidos que movê-los ameaça não só a integridade individual, mas a própria essência de nossa estrutura social? Essas questões, ainda que nem sempre claramente articuladas, faziam parte das preocupações dos europeus engajados em atividades coloniais ao redor do mundo. Para ajudar a evidenciá-las, este artigo se concentrará em demonstrar a maneira como as questões de gênero foram tratadas pelo capuchinho e missionário francês Claude d’Abbeville, que trabalhou entre os nativos Tupinambá (ou Tupi) do Maranhão, no nordeste do Brasil, no princípio do século dezessete<sup>3</sup>.

Em 1612, três navios deixaram a França em direção ao Maranhão. O empreendimento colonial do qual faziam parte fora iniciado por Henrique IV, em 1604. Mais tarde, em 1610, Maria de Médici, regente de Luís XIII, concedeu Carta Real para Daniel de la Touche, *sieur* de Ravardière, que iniciou uma empresa colonial. A monarquia permitiu ainda que a Ordem dos Capuchinhos acompanhasse a expedição<sup>4</sup>. A ordem dos

---

Theda Perdue, “Writing the Ethnohistory of Native Women,” artigo publicado em *Rethinking American Indian History*, ed. Donald L. Fixico (Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997), p. 73–86, vê nas questões de gênero um elemento chave na interação entre culturas, que contribuiu largamente para aumentar as tensões e mal entendidos que se desenvolveram entre europeus e nativos. Ver também *Women and the Colonial Gaze*, ed. Tamara L. Hunt e Micheline R. Lessard (New York: Palgrave, 2002). Essa coleção, que contém um ensaio de minha autoria ( “*French Views of Native American Women in the Early Modern Era: The Tupinamba of Brazil*”), examina o papel crucial do gênero nos contatos coloniais na Ásia, África e Europa, além daqueles que se deram nas Américas.

<sup>3</sup> Claude d’Abbeville nascido Clément Foullon, era um dos quatro missionários que partiram da França em 1612. Ele permaneceu no Brasil para estabelecer e organizar a missão, e depois de muitos meses retornou para a França, para buscar apoio financeiro adicional para o empreendimento. Morreu em Paris, em 1632, sem nunca ter retornado ao Brasil. Ver *Nouvelle Biographie Générale*, 46 vols. (Paris: Firmin Didot, 1853–66), p. 9–10 : 695. Para uma discussão específica sobre Abbeville e o Maranhão, ver o importante trabalho de Philip P. Boucher, *Les Nouvelles Frances: France in America, 1500–1815: An Imperial Perspective* (Providence: John Carter Brown Library, 1989); “*The Caribbean and the Caribs in the Thought of Seventeenth-Century French Colonial Propagandists: The Missionaries*,” Ata do Quarto Encontro da Sociedade Histórica da França Colonial (Washington, D.C.: University Press of America, 1979), p. 17–32; e “*France ‘Discovers’ America: The Image of Tropical America in Sixteenth- and Seventeenth-Century France and its Impact on Early French Colonialism*” (tese de pós-doutorado, Universidade de Connecticut, 1974).

<sup>4</sup> John Hemming, *Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians, 1500–1700* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1978), traz um relato compreensivo das atividades coloniais europeias no Brasil. Para uma discussão mais recente e detalhada sobre os empreendimentos franceses no contexto dos conflitos religiosos e políticos em andamento, ver Silvia Castro Shannon, “*Religious Struggle in France and Colonial Failure in Brazil, 1555–1615*” *French Colonial History* 1 (2002): p. 51–62. Uma narrativa nova e abrangente

Capuchinhos, fruto de uma reforma da ordem Franciscana, foi fundada pelo italiano Matteo de Bascio (1495 – 1552) e obteve reconhecimento papal em 1528. Seu trabalho simbolizava o espírito de renovação religiosa e o ativismo espiritual característico da Reforma Católica. A dedicação dos Capuchinhos a estes objetivos se expressou, em grande parte, através de uma vigorosa campanha de atividades missionárias de âmbito mundial. De fato, os historiadores consideram que a Ordem dos Capuchinhos fica atrás apenas dos Jesuítas em volume de realizações<sup>5</sup>.

Quando chegou ao Maranhão, Claude d'Abbeville orou, erigiu uma cruz, e reportou, já em suas primeiras cartas, que a recepção hospitaleira dos Tupi aos franceses indicava que os nativos iriam cooperar facilmente com o empreendimento missionário cristão<sup>6</sup>. O relato completo de suas experiências, *Histoire des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circoïnvisines ou est traicte des singularitez admirables et des Meurs merveilleuses des Indiens habitans de ce pais*, foi publicado em Paris em 1614<sup>7</sup>. Nesta obra, Abbeville oferece uma extensa narrativa de suas próprias atividades, juntamente com uma detalhada descrição dos nativos, de seus traços característicos, e dos elementos centrais de sua cultura e organização social.

A sociedade Tupi pareceu a Abbeville cheia de “*singularitez et meurs merveilleuses*”. Em especial, a aparência, comportamento e atividades das mulheres nativas demonstravam-se claramente diversas dos padrões observados entre as mulheres da Europa, e Abbeville estava bastante interessado em explorar e explicar tais contrastes. O grande interesse que ele, assim como muitos europeus, demonstrou em registrar esses detalhes comprova o papel central da questão do gênero na estruturação das sociedades. De fato, a opinião que os europeus acabariam desenvolvendo das sociedades nativas da América foi conformada, em grande parte, pela reação dos colonos às construções de gênero que encontraram no Novo Mundo.

---

é oferecida por Andrea Daher, *Les Singularités de la France equinoxiale: Histoire de la mission des Capucins au Brésil* (Paris: Honoré Champion, 2002).

<sup>5</sup> Ver H. Outram Evennett, *The Spirit of the Counter Reformation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1968), 14, 27.

<sup>6</sup> Estas cartas, datadas de 20 de agosto de 1612, foram publicadas como *L'Arrivée des peres capucins em l'Inde Nouvelle, appelée Maraguon, avec la reception que leur ont fait les Sauvages de ce pays, & la conversion d'icieux à nostre Sainte Foye* (Paris: Jean Nigaut, 1613).

<sup>7</sup> 6. Claude D'Abbeville, *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines ou est traicte des singularitez admirables et des Meurs merveilleuses des Indiens habitans de ce pais* (Paris: François Huby, 1614). Todas as traduções para o inglês foram feitas pela autora [Nota do Tradutor - N.T.].

Para missionários como Abbeville, os ideais da Reforma Católica determinavam o comportamento apropriado a cada um dos gêneros. Muitas mulheres europeias esposaram firmemente os valores da Reforma Católica, e foram inspiradas, pela vitalidade da mensagem que ela trazia, a viver vidas dedicadas à religião. Ainda assim, um caminho de dedicação terrena à religião era-lhes negado. Os decretos do Concílio de Trento insistiam na clausura: a religiosidade feminina só poderia expressar sua devoção no interior das paredes do claustro. Mesmo assim, muitas mulheres que tomaram votos encontraram formas de reinterpretar as determinações papais, de maneira a alargar seu espaço de ação. Também é verdade que freiras viajaram para colônias d'além mar, onde lhes era permitido instruir jovens mulheres em seus conventos. Ainda assim, as doutrinas oficiais da Igreja confinavam a dedicação espiritual feminina à clausura. Mais ainda, os decretos emitidos pelo Concílio de Trento vedavam às mulheres qualquer papel apostólico<sup>8</sup>.

Nessa época, o trabalho missionário era visto como competência masculina. Acreditava-se que era social e moralmente impróprio, além de fisicamente arriscado, o engajamento de mulheres em atividades missionárias. Subjaziam a essa interdição fortes suposições da época, que sustentavam que as atividades mais respeitadas e o trabalho vital da sociedade deviam ser desempenhados por homens. Às mulheres, ainda que não excluídas das atividades religiosas, negavam-se papéis clericais do mesmo nível que os dos homens.

Quando transpostas para o ambiente colonial, essas ideias sobre regras e papéis apropriados para cada gênero levantaram importantes questões. Em que grau as preconcepções sobre gêneros distorceram a percepção dos europeus sobre as mulheres nativas? É possível entender algo sobre o *status* feminino nas sociedades não-Ocidentais a partir de relatos escritos por europeus? Considerando especificamente Abbeville, como as estruturas de gênero afetaram a definição de sua missão e as estratégias que empregou

---

<sup>8</sup> Merry E. Wiesner, *Women and Gender in Early Modern Europe*, 2d ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 2000), 231ff. Claire Walker, em "Combining Martha and Mary: Gender and Work in Seventeenth-Century English Cloisters" *Sixteenth Century Journal* 30 (1999): 397–418, nota que mulheres em mosteiros ingleses estabelecidos na França e nos Países Baixos experimentaram a "segregação por gênero do trabalho espiritual" efetuada pela Reforma Católica, que enfatizava o enclausuramento estrito para as mulheres e reservava para os homens o trabalho missionário. Dificuldades financeiras compeliram muitas dessas freiras a se engajarem em variadas modalidades de atividades econômicas, mas a forma principal de expressar seu ativismo era mesmo a oração. Elizabeth Rapley demonstra que as religiosas conseguiram encontrar formas de desenvolver funções sociais ativas em "The Dévotes: Women and Church in Seventeenth-Century France" (Montreal and Kingston: McGill-Queens University Press, 1990).

para atingir seus objetivos? Que impacto teve o cristianismo nas vidas das mulheres Tupi, e essas modificações foram negativas ou positivas?

A produção feminista em pesquisas antropológicas e etno-históricas criou inicialmente uma imagem das mulheres nativas da América que enfatizava seu *status* favorável e sua autonomia. As mulheres nativas eram retratadas como respeitadas, produtivas e poderosas, não submetidas pela autoridade masculina e gozando de controle sobre sua própria sexualidade. Estas pesquisas serviram como valiosos contrapontos às teorias antropológicas tradicionais, que foram criadas por homens, e que por isso espelharam concepções Ocidentais e masculinas de gêneros. Estudiosas feministas também sustentaram que os relatos antigos escritos por homens minimizaram, quando não ocultaram, as atividades das mulheres nativas<sup>9</sup>. O trabalho de Eleanor Burke Leacock foi seminal no desenvolvimento dessa abordagem feminista. Fortemente inspirada pelas teorias marxistas, especialmente pelo trabalho de Friedrich Engels, “*Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*”, Leacock retratou os Montagnais-Naskapi do Canadá oriental como uma sociedade igualitária, onde as mulheres gozavam alto *status* social e autonomia pessoal<sup>10</sup>. Trabalhos feministas ulteriores expandiram o modelo de Leacock, enfatizando a produtividade econômica das mulheres em diversas culturas, o papel central delas na tomada das decisões, e a consequente deterioração da condição feminina que teria acompanhado o processo de colonização. O trabalho dos missionários, de acordo com essa interpretação, teria imposto as concepções de gênero europeias, introduzindo estruturas patriarcais nas sociedades nativas. As pesquisas de Judy K. Brown sobre os Iroqueses, de Karen Anderson sobre os Montagnais e os Huronianos, e a de Carol Devens sobre as tribos nativas da Nova França e da região dos Grandes Lagos aprofundaram essa interpretação<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Para uma discussão sobre os preconceitos masculinos manifestados na antropologia, ver a introdução de *Women and Colonization: Anthropological Perspectives*, ed. Mona Etienne e Eleanor Burke Leacock (New York: Praeger, 1980), 1–6; Sharon W. Tiffany e Kathleen J. Adams, *The Wild Woman: An Inquiry into the Anthropology of an Idea* (Rochester, Vt.: Schenkman Books, 1985); e William T. Divale, “*Female Status and Cultural Evolution: A Study in Ethnographer Bias*,” *Behavior Science Research* 11 (1976): 169–211.

<sup>10</sup> Leacock, *Myths of Male Dominance* (New York: Monthly Review Press, 1981), e “*Montagnais Women and the Jesuit Program for Colonization*” em *Women and Colonization*, 25–42.

<sup>11</sup> Judith K. Brown, “*Iroquois Women: An Ethnohistoric Note*” em *Toward an Anthropology of Women*, ed. Rayna R. Reiter (New York: Monthly Review Press, 1975), 235–51; Karen Anderson, *Chain Her By One Foot: The Subjugation of Native Women in Seventeenth-Century New France* (New York: Routledge, 1991); Carol Devens, *Countering Colonization: Native American Women and Great Lakes Missions, 1630–1900* (Berkeley: University of California Press, 1992).

A obra de Claude d'Abbeville confirma as ideias dessa escola feminista? Os sinais são dúbios. O relato não descreve uma sociedade igualitária na qual as mulheres experimentavam *status* igual aos dos homens. A sociedade Tupi aparece como sendo dominada pelos homens. Desemaranhar as camadas metodológicas, epistemológicas e interpretativas é um processo complexo. As observações de Abbeville devem ser descreditadas por conta de terem sido distorcidas por noções preconcebidas de gênero? É possível que ele tenha sido incapaz de reconhecer uma presença mais ativa e vital das mulheres entre os Tupi porque tal arranjo estava fora de seu domínio de experiências e expectativas. Além disso, como missionário, o objetivo de Abbeville era converter os Tupi ao cristianismo, e era essencial para ele acreditar que isso era viável. Valores e comportamentos sexuais locais que contrariassem as definições cristãs seriam grandes obstáculos ao seu objetivo e, por isso, talvez Abbeville tenha preferido negar padrões de gênero dos nativos. Por outro lado, talvez os antigos modelos feministas tenham exagerado quando descreveram o *status* favorável das nativas, na busca por documentar experiências de mulheres cujos padrões de existência diferissem daqueles comuns às sociedades ocidentais. Se assim fosse, então as mulheres nativas americanas, que experimentaram poder e autonomia, podiam ser apresentadas como uma prova de que o patriarcalismo e a dominação masculina não são naturais nem universais.

Pesquisas mais recentes, que partem da perspectiva feminista em suas análises do processo de colonização, mostram mudanças de orientação e de abordagem, percebidas também nas investigações que lidam com a colonização em geral. As novas propostas preocupam-se menos com a questão da exploração e dominação, e voltam-se à compreensão dos vários níveis de interação entre colonizadores e povos nativos. Ainda que não neguem que o *status* das mulheres nativas era diferente daquele experimentado pelas mulheres europeias, as pesquisas mais recentes admitem que as sociedades do Novo Mundo estavam longe de ser igualitárias. Os povos nativos deixaram de ser idealizados como criaturas puras e simples, em estado natural, e tampouco são ainda vistos como vítimas passivas de um massacre brutal. No lugar disso, emerge um crescente respeito pela integridade e complexidade das sociedades do Novo Mundo, juntamente com um total reconhecimento da inteligência e assertividade dos nativos, sejam homens ou mulheres. As primeiras pesquisas feministas, conforme discussão acima, exageraram a importância das estruturas sociais matrilineares e matrilocais. Mas, mesmo em sociedades em que estas formas estavam ausentes, as mulheres nativas foram capazes de se afirmar de várias maneiras. Relações sexuais envolvendo mulheres nativas e homens

europeus ofereciam oportunidades de desenvolvimento de novas redes sociais, econômicas e de parentela. Os povos americanos, dessa forma, buscavam obter todas as vantagens possíveis no contexto de uma nova e desafiante realidade<sup>12</sup>.

Pode ser que nunca se determine com certeza o *status* das nativas americanas em sua condição original. Os nativos eram ágrafos, e o etnocentrismo, em maior ou menor grau, penetrou nas narrativas européias. A complexidade e a diversidade das estruturas de parentela dos nativos desafiavam a capacidade analítica de observadores externos. O contato com os colonizadores alterou a realidade da vida local e impactou as estruturas das sociedades nativas desde o princípio. Os relatos escritos nessas circunstâncias registraram o que os europeus viram e experimentavam enquanto interagiam com os nativos. Eles não podem sustentar que testemunharam as condições de vida dos nativos antes do contato. É também importante enfatizar a variedade que caracterizava a vida dos nativos americanos. Estavam presentes numerosas e distintas sociedades, e elas eram dinâmicas, não estáticas. Os vários grupos culturais interagiam uns com os outros, bem como com os europeus. Dessa forma, as experiências coloniais variavam e dependiam de muitos fatores, inclusive dos contextos nativos específicos. Descrições generalistas do *status* de homens e mulheres nativos precisam ser articuladas com cuidado<sup>13</sup>.

Quando Claude d'Abbeville chegou ao Maranhão em 1612, os Tupinambá já haviam experimentado a brutalidade nas mãos dos portugueses. Os conflitos haviam ocorrido especialmente durante o período entre 1557 e 1572, quando os mandatários coloniais das regiões da Bahia e do Rio de Janeiro iniciaram intensos esforços para escravizar os nativos. Como resultado, muitos Tupi migraram para o norte, em direção ao Maranhão. Abbeville reporta ter recebido um acolhimento caloroso e hospitaleiro dos nativos. O missionário interpretou esse comportamento como indicativo do desejo dos nativos de abraçar o cristianismo. Na verdade, os Tupi estavam demonstrando uma ânsia

---

<sup>12</sup> Ver Susan Sleeper-Smith, "Women, Kin, and Catholicism: New Perspectives on the Fur Trade" *Ethnohistory* 57 (2000): 423–53; idem, *Indian Women and French Men: Rethinking Cultural Encounter in the Western Great Lakes* (Amherst: University of Massachusetts Press, 2001); Susan Migden Socolow, *The Women of Colonial Latin America* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000), 27, 34ff.

<sup>13</sup> Para uma discussão sobre as questões epistemológicas e problemas metodológicos que afetam essas investigações, ver James Axtell, *Natives and Newcomers: The Cultural Origins of North America* (New York: Oxford University Press, 2001). T. J. Brassier, "Early Indian-European Contacts" em *Handbook of North American Indians*, ed. William C. Sturtevant (Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1978–), vol. 15, Northeast, ed. Bruce G. Trigger, 78–88, conclui que é quase impossível conhecer a "verdadeira natureza original" dos nativos-americanos; interpretações oferecidas pelos europeus são "distorcidas" e décadas de "contatos intermitentes" anteriores à colonização resultaram em mudanças culturais substanciais. A despeito desses problemas, um importante antropólogo atestou o valor de grande parte dessa literatura de viagem, incluindo a obra de Abbeville e seu colega, Yves d'Evreux; ver Alfred Métraux, "Les Précurseurs de l'éthnologie en France du XVIe au XVIIIe siècle," *Cahiers d'histoire mondiale* 7 (1963): 721–38.

por formar aliança com os franceses, de modo a ter uma poderosa nação da Europa auxiliando-os em seus esforços de resistir aos portugueses. Para atingir esse fim, precisavam oferecer algum grau de cooperação com os franceses. Abbeville estava ciente desse motivo também, reconhecendo que os Tupi necessitavam de ajuda militar e que estavam também ansiosos por obter mercadorias dos europeus<sup>14</sup>.

A guerra era um dos elementos centrais e definidores da cultura Tupi. Disputas entre as aldeias eram frequentes e intensas. Essa característica brutal e violenta não deve ser subestimada. Ela é talvez mais bem exemplificada no tratamento reservado aos prisioneiros de guerra, guiado por procedimentos rituais precisos que culminavam em canibalismo<sup>15</sup>. Abbeville acreditava que a ferocidade da guerra Tupi e o canibalismo associado a ela eram grandes obstáculos à conversão ao cristianismo. As descrições dessas práticas locais incluíam a observação de seus impactos sobre as mulheres. Mulheres aprisionadas nas guerras eram dadas a homens para servir-lhes de escravas, mas eram também consideradas esposas. Caso incorressem em adultério, seriam mortas, e seus corpos desmembrados. Abbeville afirmou que “... tal crueldade é abominável para Deus”, ainda que os nativos explicassem a ele que matavam tais transgressoras para servir de exemplo para as outras<sup>16</sup>.

Prisioneiros do sexo masculino eram surpreendentemente bem tratados, pelo menos inicialmente. Considerados escravos, ainda assim recebiam farta alimentação e uma mulher Tupi como parceira sexual. Abbeville considerava esta última prática como particularmente “estranha”. No final, os Tupi obtinham sua vingança pela morte do inimigo aprisionado, que era então cozinhado e devorado. Abbeville descreveu tal cerimônia com grandes detalhes, comentando que “a maior crueldade e desumanidade” era demonstrada quando os Tupi também matavam e devoravam crianças que tivessem sido geradas pelo prisioneiro durante sua estadia entre eles<sup>17</sup>. A lei francesa e a Cristandade, alardeava o missionário, iriam acabar com todas aquelas práticas, e seriam compreendidas como melhoramentos nas vidas daquelas mulheres Tupinambá que haviam sido capturadas como escravas, ou que houvessem se casado com um prisioneiro. Abbeville alegava que os nativos, se governados pelos oficiais franceses, modificariam

---

<sup>14</sup> Abbeville, 103f.

<sup>15</sup> John M. Monteiro, “Tupinamba” em *Encyclopedia of Latin American History and Culture*, 5 vols. (New York: Scribner, 1996), 5:283.

<sup>16</sup> 15. Abbeville, 172ff.

<sup>17</sup> Ibid., 283, 290ff.

seus costumes e condenariam seus inimigos a uma “morte ordinária” no lugar de matá-los com tantos requintes de crueldade<sup>18</sup>.

O fato da guerra ter um papel tão central na sociedade Tupi elevava a posição dos homens. O sexo masculino tem proeminência em sociedades militarizadas, já que são os homens que desempenham as atividades mais vitais<sup>19</sup>. O relato de Abbeville privilegia, de fato, os homens Tupi. Eles emergem da narrativa com mais poder e proeminência. O chefe da aldeia, ou principal, é descrito sempre como um experiente ancião que servira como “bravo comandante”. Ele havia conquistado sua posição e valor mediante grandes feitos nas guerras, e matara muitos inimigos. Sua autoridade não era absoluta, mas ele era muito respeitado, e sua opinião quase sempre obedecida. Valorizava-se também habilidades oratórias<sup>20</sup>. Abbeville não faz referência à presença de mulheres na liderança das aldeias. Elas não aparecem como vozes participantes influenciando nas decisões tomadas pelo conselho de anciãos. De todo modo, ele representou mulheres Tupi como participantes ativas nos elaborados rituais que cercavam a preparação, execução e consumo dos prisioneiros de guerra. Abbeville descreveu essas cerimônias em detalhes. Uma celebração marcada por canto, dança, alegria e ingestão de bebidas, que se estendia por dois ou três dias. As mulheres eram, portanto, participantes plenas de um dos mais importantes rituais públicos da cultura Tupi<sup>21</sup>. Outras fontes indicam que as mulheres Tupi eram também responsáveis pela recepção do prisioneiro em sua chega à aldeia, vigiando a cabana em que ele ficava, e por conduzi-lo ao seu local de execução com uma corda especial amarrada em seu pescoço<sup>22</sup>.

As preparações para a importante festividade que cercava a execução do prisioneiro eram trabalhosas, e essa atividade era inteiramente realizada por mulheres.

---

<sup>18</sup> Ibid., 296.

<sup>19</sup> Para um exame sobre a predominância do patriarcado em sociedades militarizadas, ver Barbara S. Lesko, “Women of Ancient Egypt and Western Asia” em *Becoming Visible: Women in European History*, ed. Renate Bridenthal, Susan Mosher Stuard, e Merry E. Wiesner, 3d ed. (Boston: Houghton Mifflin, 1988), 32-42.

<sup>20</sup> Abbeville, 329.

<sup>21</sup> Ibid., 290ff. A participação de mulheres nativas nos rituais que cercavam a tortura e execução dos prisioneiros não era exclusividade dos Tupinambá. Mulheres iroquesas desempenhavam funções centrais em tais atividades. Elas também tinham influência significativa nas declarações de guerra, envolviam-se ativamente nos preparativos para os combates, e ocupavam proeminência tanto nas cerimônias que davam início quanto às que encerravam as hostilidades. Joseph-Francois Lafitau, *Moeurs des sauvages amériquains, comparées aux mœurs des premiers temps*, 2 vols. (Paris: Saugrain l’Ainé, 1724), 2:278ff., citado em William N. Fenton, “Northern Iroquoian Culture Patterns,” em *Handbook of North American Indians*, vol. 15, Northeast, 315-16.

<sup>22</sup> Alfred Métraux, “The Tupinamba” em *Handbook of South American Indians*, 7 vols., ed. Julian H. Steward (Washington, D.C.: United States Government Printing Office, 1946-59), 3:120ff.

As mulheres Tupi eram responsáveis por preparar grandes quantidades de comida e bebida, tanto para suas próprias famílias quanto para finalidades cerimoniais. Nessa ocasião, sua contribuição para a comunidade era da maior importância. Todos os colonos europeus concordavam que as mulheres nativas eram produtivas, trabalhadoras e que realizavam numerosas tarefas essenciais para a sobrevivência de seu povo<sup>23</sup>. Abbeville se mostrou surpreso pelo volume e também pela diversidade de tarefas realizadas pelas mulheres nativas. Ele notou que, mesmo quando em idade avançada, as mulheres “nunca cessavam de trabalhar naquilo que estavam habituadas a fazer”. Ele comentou que os homens velhos também continuavam desempenhando atividades difíceis. Em todo caso, foram as mulheres Tupinambá que ele descreveu como sendo “geralmente mais ocupadas que os homens”, já que era delas a responsabilidade exclusiva de cuidar da organização do lar, plantar hortas e “preparar todo o necessário à alimentação”<sup>24</sup>. Vale notar que, desde o relato de Abbeville, a produtividade das mulheres e o papel econômico vital de seu trabalho para o sustento de suas sociedades vêm sendo cada vez mais reconhecidos pelos trabalhos acadêmicos que lidam com a análise de culturas nativas<sup>25</sup>. Ainda assim, a despeito do reconhecimento da diligência das mulheres nativas, a avaliação final de Abbeville sobre a sociedade Tupi era de que ela era improdutiva, por conta de serem os nativos “perpetuamente preguiçosos” e de seu “pouco apreço pelo trabalho”. Sempre otimista, o missionário interpretou tal aspecto da vida local de maneira positiva, idealizando aquele povo como sendo alegre, jovial e satisfeito por conta de seu desapego pelas possessões materiais<sup>26</sup>. Nesse aspecto, Abbeville assemelha-se a outros colonizadores, empregando também os conceitos contemporâneos de trabalho, que

---

<sup>23</sup> Viajantes franceses que estiveram no Rio de Janeiro no século XVI também registraram testemunhos sobre a industriiosidade das mulheres Tupinambá; ver Jean de Léry, *Histoire d'un voyage Faict en la Terre du Brésil*, ed. Paul Gaffarel, 2 vols. (Paris: Lemerre, 1880), 1:141, 143, 148, 155; 2:35, 87, 96–99; André Thevet, *The New Found Worlde, or Antarctike*, trans. Thomas Hacket (London: H. Bynneman for T. Hacket, 1568), 60, 65. Observações similares foram registradas por missionários católicos a respeito dos Caribe na Guiana e dos Huronianos no Canadá; ver Antoine Biet, *Voyage de la France Equinoxiale en l'Isle de Cayenne* (Paris: F. Clovzier, 1664), 356, e Gabriel Sagard-Théodat, *Le Grand Voyage du Pays des Hurons* (Paris: Chez Denys Moreau, 1632), 122ff.

<sup>24</sup> Abbeville, 266, 309.

<sup>25</sup> Este é um dos temas centrais da introdução e dos ensaios em *Women and Colonization*. Ver também Judith K. Brown, “Iroquois Women: An Ethnohistoric Note” em *Toward an Anthropology of Women*, 235–51, e Lucy Eldersveld Murphy, “Autonomy and the Economic Roles of Indian Women of the Fox-Wisconsin River Region, 1763–1832” em *Negotiators of Change*; Sleeper-Smith, “Women, Kin, and Catholicism”.

<sup>26</sup> Abbeville, 297ff., 313. Representações dos nativos como despreocupados são bastante comuns na literatura de viagem desse período. Léry, 1:123, declara que a boa saúde e a longevidade dos Tupinambá podem ser atribuídas à indiferença pelas riquezas materiais. Para os Caribe das Antilhas no século XVII, ver Jean Baptiste du Tertre, *Histoire Generale des Antilles Habitées par les François*, 4 vols. (Paris: T. lolly, 1667–71), 2:357.

incorporavam definições hegemônicas das relações entre gêneros. O trabalho realizado por mulheres, ainda que registrado em detalhes, era subvalorizado ou mesmo negado na avaliação final da sociedade nativa. Dessa forma, Abbeville não pôde enxergar o trabalho crucial e necessário realizado pelas mulheres Tupinambá como um indicador de seu papel significativo naquela sociedade; ao invés disso, o trabalho serviu para enfatizar a imagem dos homens nativos como improdutivos e negligentes. A reação eurocêntrica de Abbeville quanto à produtividade feminina local também serviu para reforçar a impressão de que os homens nativos dominavam e estavam no controle, já que as mulheres eram frequentemente representadas como estando oprimidas e submetidas a excesso de trabalho<sup>27</sup>.

No final, Claude d'Abbeville avaliou a sociedade Tupi em termos daquilo que os homens nativos faziam ou deixavam de fazer. E uma das coisas mais impressionantes que eles faziam era manter numerosas esposas. A discussão de Abbeville a respeito da prática nativa da poligamia – ou, mais exatamente, poliginia – é criteriosa e detalhada. Ele sabia que, para que a conversão cristã se consolidasse, essa prática teria que ser erradicada, e a monogamia introduzida. A estrutura familiar comunal dos nativos deveria também ser alterada. Abbeville defendia que nem todos Tupi “eram capazes de receber o batismo, especialmente aqueles casados à moda local”. Como missionário, ele era inflexível nesse ponto: “Deus deseja que o homem esteja satisfeito com apenas uma esposa”, e aqueles que quisessem ser batizados deveriam aceitar esse preceito<sup>28</sup>. Ele esforçou-se, no entanto, para compreender a razão que sustentava a instituição da poliginia, e queria que seu leitor entendesse também. Dessa forma, ele enfatizou que a poliginia servia a uma função mais social do que sexual para os homens Tupi. Possuir muitas esposas era um sinal de prestígio. Os chefes das aldeias, portanto, se casavam com muitas mulheres, de maneira a mostrar seu alto valor, satisfazendo mais ao ego que à luxúria<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> A mulher nativa explorada e o marido índio preguiçoso são componentes recorrentes das interpretações negativas dos ingleses sobre os nativos da América do Norte. Ver David D. Smits, “*The 'Squaw Drudge': A Prime Index of Savagism*” *Ethnohistory* 29 (1982): 281–306. Leacock, *Myths of Male Dominance*, 45, nota que os jesuítas frequentemente descreviam as atarefadas mulheres Montaignais como “escravas”. Devens, *Countering Colonization*, 123–24, argumenta que essa compaixão demonstrada pelas sobrecarregadas mulheres nativas seria uma expressão do estereótipo europeu que compreendia as mulheres como o “sexo frágil”. Evreux, o colega capuchinho de Abbeville, comparou as mulheres Tupi a mulas, porque elas seguiam no rastro de seus maridos, carregando seus pertences; ver *Suite de l'Histoire des Choses plus Memorable Advenües en Maragnan* (Paris, 1615), 90.

<sup>28</sup> Abbeville, 125f.

<sup>29</sup> *Ibid.*, 279.

Essa análise das práticas maritais dos Tupi pode ter sido influenciada pela leitura do Velho Testamento. A poliginia era prática comum entre os antigos israelitas, e a Bíblia faz muitas referências positivas a ela. Uma das principais razões para sua adoção era o aumento das chances de produzir prole masculina, já que filhos homens eram altamente valorizados. Além disso, assim como entre os Tupi, os homens do antigo Israel consideravam o casamento com muitas esposas um sinal de proeminência econômica e prestígio social<sup>30</sup>. Mas Abbeville também fez um esforço para compreender a poliginia do ponto de vista das mulheres. Ele comentou que, como os Tupi se envolviam frequentemente em violentos conflitos, havia um número insuficiente de homens para que cada mulher pudesse ter um marido individual. Ele comentou ainda que a poliginia permitia às mulheres dividir as tarefas de manutenção da casa e o trabalho na horticultura, que, conforme notado anteriormente, eram árduos e prolongados<sup>31</sup>.

A passagem da poligamia para a monogamia, dessa forma, poderia ter um efeito deletério para as mulheres nativas; mas Abbeville não acreditava que as mulheres Tupi fossem maior empecilho para sua missão que os homens, nem as descreveu como refratárias à conversão. Ele reportou que as mães nativas “... estimam muito seus filhos, mas estão dispostas a se separar deles para que recebam instrução”. Significativamente, o missionário enfatizou a importância de se trabalhar com os jovens. Por não terem ainda se casado, a conversão e o casamento cristão podiam ser mais facilmente impostos a eles<sup>32</sup>.

No prosseguimento da análise da poliginia, a surpreendente empatia de Abbeville pelas mulheres Tupi se transformou numa crítica às mulheres da Europa, e numa afirmação da necessidade de se reforçar o controle masculino. Ele não descreveu a estrutura comunal dos lares Tupi como igualitária. Uma das esposas era considerada a principal, e era mais estimada pelo marido e, portanto, tinha o poder de comandar as outras esposas. Abbeville manifestou perplexidade pelo fato de que todas as mulheres “... vivem em paz, sem inveja, ciúme ou tumulto”. Ele atribuiu esse comportamento não à sábia liderança da esposa principal, mas ao comando do marido, a quem todas as esposas obedeciam<sup>33</sup>. Ele então afirmou que os Tupinambá “... vivem harmoniosamente em meio a seu paganismo”, e que por isso serviam como “...boa lição para muitas famílias católicas

---

<sup>30</sup> Ver o verbete “Casamento” no *The Interpreter’s Dictionary of the Bible: An Illustrated Encyclopedia*, 4 vols. (New York: Abingdon Press, 1962), 3:278–83.

<sup>31</sup> Abbeville, 279.

<sup>32</sup> *Ibid.*, 92f., 106f., 125f.

<sup>33</sup> *Ibid.*, 279f.

que receberam a luz da fé e o sacramento do matrimônio, mas que mesmo assim não conseguem viver em paz..., nem evitar o conflito, a discórdia e a divisão”<sup>34</sup>. Ele concluía que na Europa eram as mulheres as responsáveis por essa falta de tranquilidade doméstica. No Novo Mundo, pelo contrário, louvava as mulheres Tupi por viverem em harmonia. Em sua descrição, elas se submetiam voluntariamente à autoridade masculina; ao mesmo tempo, repreendia as mulheres da Europa por não se conformarem aos padrões sociais de conduta apropriados ao seu gênero<sup>35</sup>.

As discussões de Abbeville sobre a maternidade na sociedade Tupi exibem as mesmas características de seus comentários sobre o casamento. Os elogios às mulheres Tupi servem como forma de admoestar os europeus, e as mulheres da Europa em particular. Tendências misóginas desse período, emanadas tanto das esferas seculares como religiosas, certamente influenciaram seu julgamento. Abbeville expressou grande admiração pelas mulheres nativas por seu desempenho enquanto mães. Ele manifestou-se satisfeito por observar que se permitia às crianças crescerem sem o constrangimento por faixas e roupas apertadas. Afirmou que as mães amavam profundamente seus filhos e nunca os abandonavam; ressaltou que as crianças estavam sempre em companhia de suas mães. Ele admirou-se da força da mulher nativa, que descansava por apenas dois ou três dias após o parto. Abbeville estava particularmente impressionado pela dedicação das mães Tupi, evidenciada pela amamentação de seus próprios bebês. A imagem que ele fez dessa conduta virtuosa, no entanto, foi criada, aparentemente, para admoestar os europeus por sua lassidão moral. As mulheres recebiam a maior carga de suas censuras, já que ele as acusava de falta de paciência, evidenciada pelo fato de que delegavam a amamentação de seus filhos. Em direto contraste com as Tupi, as mães da Europa pareciam incapazes, uma vez que não dedicavam aos seus filhos doses iguais de amor e atenção. Mas a adulação de Abbeville para com as mulheres nativas acabou sendo levada

---

<sup>34</sup> Ibid., 28of. Muitos cronistas viajantes franceses do início da era moderna elogiavam aspectos da vida e da cultura dos nativos-americanos com a intenção de criticar o que viam como falhas morais da sociedade da Europa de seu tempo; ver Gilbert Chinard, *L'Exotisme américain dans la littérature française au XVIe siècle* (Paris: Hachette, 1911); idem, *L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVIIe et au XVIIIe siècle* (Paris: Droz, 1934).

<sup>35</sup> Natalie Zemon Davis, “Women on Top” em *Society and Culture in Early Modern France* (Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1975), 124–28, discute o crescimento de medidas políticas e sociais destinadas a submeter as mulheres à autoridade masculina como forma de controlar sua natureza supostamente desregrada e desordeira.

a extremos retóricos absurdos, quando ele relatou que mulheres de oitenta e até cem anos de idade ainda eram capazes de dar à luz e amamentar crianças<sup>36</sup>.

Um leitor moderno poderia esperar que um missionário católico desse período expressasse repulsa e horror diante da nudez dos nativos, especialmente no caso das mulheres. Mas isso não se observa no relato de Abbeville. Ele também não descreveu as mulheres Tupi como sendo promíscuas ou lascivas, mas defendia que elas eram “... modestas e constrictas em sua nudez, sem nenhum movimento, palavra ou atitude que ofenda”<sup>37</sup>. Essa atitude surpreende, de início, o leitor, já que parece contradizer as posturas mais comumente observadas entre os europeus daquele período com relação à sexualidade feminina. As mulheres eram consideradas inerentemente mais sexualizadas que os homens, governadas por desejos físicos que eram incapazes de controlar; mulheres eram em geral concebidas como sendo “sexualmente insaciáveis”<sup>38</sup>. Mas o leitor logo acabará encontrando o padrão familiar, já que a defesa das mulheres Tupi é feita apenas como forma de censurar as europeias, “... cujos truques artificiais, flertes desregrados e novas invenções... causam mais pecados mortais e arruinam mais almas do que o fazem as mulheres indígenas com sua brutal e odiosa nudez”<sup>39</sup>. Abbeville não era de maneira alguma um defensor da nudez, pois relata com orgulho a história de uma mulher nativa que havia chegado nua a uma cerimônia de batismo e que correria imediatamente para buscar algo com que se cobrir, percebendo que sua condição era “indecente e vergonhosa”<sup>40</sup>. Dessa maneira, ele caracterizava a nudez, tanto quanto a poliginia, como uma prática cultural a ser erradicada para que a conversão cristã pudesse ocorrer. Ainda assim, ele mostrava-se otimista, e acreditava que atingiria os resultados esperados, porque concebia os nativos como seres essencialmente bons. Uma condenação severa da lascívia da mulher Tupi acarretaria a perda de crença no sucesso de sua missão.

Abbeville não retratou a mulher Tupinambá como portadora de liberdade ou autonomia sexual. Nesse aspecto, sua descrição contrariou o estereótipo que associa a conduta promíscua às mulheres “primitivas” não-Ocidentais. Mas o julgamento de

---

<sup>36</sup> Abbeville, 281f., 266. Geoffroy Atkinson, *Les Relations de Voyages du XVIIe Siècle et L'Évolution des Idées* (Paris: Droz, 1924), afirma que os relatos de viajantes ao Novo Mundo que reportavam o hábito das mulheres nativas de aleitar seus próprios filhos exerceram grande influência sobre o pensamento dos críticos sociais do século XVIII na França, notavelmente em Jean-Jacques Rousseau, que encorajava as mulheres da Europa a adotar essa prática. Ver também G. Pire, “Jean-Jacques Rousseau et les Relations de Voyages” *Revue d'histoire littéraire de la France* 56 (1956): 355–58.

<sup>37</sup> Abbeville, 271.

<sup>38</sup> Wiesner, *Women and Gender*, 57.

<sup>39</sup> Abbeville, 271.

<sup>40</sup> Ibid., 102, 128.

Abbeville também levanta questões sobre a afirmação da antropologia feminista de que as mulheres nativas experimentavam um controle considerável sobre sua própria sexualidade<sup>41</sup>. A complexidade da estrutura de parentesco e das práticas de casamento provavelmente enganaram os observadores europeus em larga medida. Esse fato talvez explique a razão de algumas observações contraditórias feitas por Abbeville em seu relato, ao reportar em uma passagem que o divórcio era facilmente realizado, dependendo apenas de um consentimento mútuo, e depois apontando, em outro trecho, que uma mulher não poderia encerrar o matrimônio sem a anuência do marido<sup>42</sup>. Em todo caso, o fator crítico para se determinar o grau de independência sexual experimentado por uma mulher Tupi parece ter sido o estatuto do homem com quem ela estivesse se relacionando. Dessa forma, a sociedade Tupi dificilmente aparece, em seu relato, como igualitária.

A conduta sexual da mulher casada, ou prometida em casamento, para o chefe da aldeia ou outro qualquer homem poderoso, era restrita. Relações sexuais pré-matrimoniais e extramatrimoniais eram proibidas. Ao que parece, era no interior desses casamentos que se exigia o consentimento do marido para a consecução do divórcio. Em todo caso, não se concedia às mulheres jovens o direito de selecionar seus esposos; antes, era necessária a permissão da família. Os padrões de casamento eram claramente definidos e eram fundamentalmente matrilocais. A união com um tio materno era preferencial; era considerado ideal que uma mulher se casasse com o irmão de sua mãe. Se, por alguma razão, tal união fosse inviável, uma jovem mulher poderia se casar com alguém de outro grupo de parentesco. O homem residiria com os parentes de sua esposa, e seria obrigado a servir e trabalhar para eles. Por isso, a prole feminina era altamente valorizada, pois significava que a família poderia adquirir *status* e recursos adicionais mediante os serviços de múltiplos genros. Entretanto, a matrilocidade não se aplicaria caso a jovem se casasse com um chefe ou outro líder tribal. Nesse caso, ela se mudaria para a casa do marido, e ele em troca proporcionaria à família dela presentes e favores<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> Para estudos que enfatizam a natureza igualitária do relacionamento entre os gêneros e a autonomia sexual das mulheres nativas, ver Leacock, *Myths of Male Dominance*, 32-35, 45-49; idem, "Montagnais Women" 25-42; Carol Devens, "Separate Confrontations: Gender as a Factor in Indian Adaptation to European Colonization in New France" *American Quarterly* 38 (1986): 461-80. Tiffany e Adams notaram que os antropólogos dos séculos XIX e XX tenderam a retratar as mulheres de sociedades não-Ocidentais como sexualmente promíscuas, em *The Wild Woman*, 7.

<sup>42</sup> Abbeville, 278ff.

<sup>43</sup> Ibid. Métraux, "The Tupinamba" 112ff., oferece informações adicionais.

Abbeville demonstra, dessa forma, que a atividade sexual das mulheres Tupi era constricta, especialmente nas relações com homens de alto *status*. Padrões de conduta sexual eram claramente diferenciados daqueles da Europa, mas os nativos tinham definições de comportamentos aceitáveis e inaceitáveis. Portanto, Abbeville afirmou, os homens franceses deveriam evitar o sexo com as mulheres Tupi, já que isso poderia criar hostilidade, pela quebra dos padrões de conduta aceitáveis pelos locais. A regulamentação estrita da atividade sexual figura com proeminência no programa desse missionário. Franceses estavam proibidos de cometer adultério com as nativas casadas, e relações sexuais com mulheres solteiras eram igualmente vedadas. Abbeville acreditava que os homens franceses poderiam “... não apenas pôr a perder suas almas por meio de tal pecado”, mas iriam destruir a colônia como um todo. Sua insistência nessa regulamentação, e a adição de seus comentários pessoais, indicam que o sexo inter-racial entre franceses e mulheres nativas de fato ocorria. Abbeville entendia tais atividades como ameaças à estabilidade da colônia, além de serem ofensivas ao seu senso moral<sup>44</sup>. De todo modo, seus objetivos e interesses estavam em contradição com aqueles dos colonos não-clérigos. Ele não entendia que relações sexuais entre franceses e mulheres nativas pudessem promover a amizade entre as duas sociedades. Ao invés disso, ele considerava tais atividades como forças disruptivas, uma vez que era possível que os franceses viessem a violar os códigos de conduta estabelecidos. Abbeville podia até não aprovar os padrões de comportamento locais, mas acreditava também que não se deveria impor mudanças muito bruscas.

Como era de se esperar de um missionário da Contrarreforma, Abbeville culpava o demônio pela existência de costumes ofensivos entre os nativos<sup>45</sup>. O poder da bruxaria e a existência do demônio eram elementos cuja realidade era dada como certa pelo capuchinho e seus colegas. Julgamentos contra a bruxaria e execuções ocorriam frequentemente na Europa daquele tempo, e a maioria esmagadora das vítimas da caça às bruxas na Europa era composta por mulheres<sup>46</sup>. Embora certamente cômico desse processo, Abbeville, surpreendentemente, não culpa exclusivamente as mulheres pela prática de bruxaria. Ao invés disso, ele acusou o “pajé” ou feiticeiro de se comunicar com o Demônio e outros espíritos do mal. Cada aldeia tinha vários pajés, que eram estimados

---

<sup>44</sup> Abbeville, 165ff.

<sup>45</sup> Abbeville, “*Epistre*” n.p. Ver também 127, 295, 324f.

<sup>46</sup> Entre a vasta literatura disponível sobre esse tema, ver E. William Monter, *Witchcraft in France and Switzerland: The Borderlands During the Reformation* (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1976), e Brian P. Levack, *The Witch-Hunt in Early Modern Europe* (London: Longman, 1987).

por todos e tidos como capazes de curar doenças. Abbeville apontou que quase todos os pajés eram também os chefes das aldeias. Ele mencionou também um homem local que era reverenciado como profeta, e que os Tupi acreditavam ter descido dos céus<sup>47</sup>.

Dessa forma, Abbeville recusou atribuir um papel crucial às mulheres nativas; mas, justamente por isso, ele acabou poupando-as – surpreendentemente – do ônus da acusação de serem responsáveis por todos os males praticados pelos Tupinambá. Ao responsabilizar o Demônio, e não as mulheres nativas em si, pela existência da crueldade e brutalidade, Abbeville criou um cenário em que o trabalho missionário tinha mais chances de ser bem-sucedido. Uma vez que a cristandade e a lei da França estivessem estabelecidas, alardeava, e no momento em que cessasse “a servidão ao Demônio”, os Tupi experimentariam uma “regeneração através do batismo”<sup>48</sup>. O único obstáculo percebido por ele era externo à sociedade, e a evangelização iria superá-lo. Ele não percebia nada inerente à cultura ou na natureza dos Tupi que pudesse impedir seus planos de se concretizarem. Também evitou descrever a mulher nativa de maneira negativa. Para ele, elas não constituíam nenhum obstáculo à conversão. Abbeville acreditava piamente na possibilidade de introdução do Cristianismo e da lei secular da França, e que com a introdução das concepções de gênero europeias, tanto homens quanto mulheres nativos iriam experimentar uma elevação espiritual.

A melhoria das condições de vida das mulheres tem sido um tema dominante na história do contato entre sociedades do Ocidente e as não-Ocidentais, um tema que persistiu na era pós-colonial. As mulheres nativas são em geral retratadas como brutalizadas e oprimidas, e as sociedades Ocidentais parecem ávidas por abraçarem sua defesa (apesar de, ao mesmo tempo, ignorarem injustiças experimentadas pelas mulheres de sua própria cultura). Fica evidente o papel essencial do gênero na estruturação de sociedades coloniais – como em todas as sociedades humanas – uma vez que os colonizadores procuraram substituir os padrões locais de casamento, trabalho e atividades sexuais por aqueles que, em sua concepção, eram civilizados.

Claude d’Abbeville observou e registrou padrões de comportamento dos gêneros que desafiaram muitos dos conceitos sobre relações entre as pessoas e sobre a estrutura social em vigor na Europa. Essa experiência, no entanto, não o persuadiu a questionar ou expandir suas concepções de gênero. As mulheres Tupinambá emergem de seu relato como integrantes produtivas e valiosas de suas sociedades, desempenhando papéis ativos

---

<sup>47</sup> Abbeville, 324ff., 77ff.

<sup>48</sup> Ibid., 86.

em muitos dos rituais públicos e cerimônias mais importantes. Mesmo assim, no final Abbeville enfatizou e valorizou a dominância e o controle dos homens Tupi. Será essa de fato uma avaliação acurada daquela cultura? Ou teria ele enfatizado artificialmente o papel dos homens nativos, para que a imagem resultante se harmonizasse melhor com as práticas e expectativas da Europa, que reservava para os homens as posições de prestígio e autoridade? Eram de fato as mulheres Tupinambá subservientes, modestas e submissas? Ou será essa imagem uma distorção criada pelo missionário zeloso, no intuito de minimizar quaisquer obstáculos que pudessem atrapalhar a introdução da lei, cultura e religião da França? É possível que as mulheres Tupi não vivessem numa sociedade igualitária, nem experimentassem autonomia sexual ou autoridade política. Mesmo assim, suas funções produtivas, reprodutivas e rituais conferiam a elas um certo grau de reconhecimento e respeito no interior de sua cultura, e ofereceram às futuras gerações de historiadores, quando não aos colonos europeus, evidências de uma rica variedade de construtos de gênero.

---

#### CROSSING GENDER BOUNDARIES: TUPI AND EUROPEAN WOMEN IN THE EYES OF CLAUDE D'ABBEVILLE

**Abstract:** The following is an article by Dr. Laura Fishman, recently deceased, a sociologist that since the end of the 1960's worked in several North-American Universities. In her career, Dr. Fishman privileged themes related to gender issues, and went beyond the academic activities, taking an important role in social movements. The article translated below deals with the issue of gender relations during the period of the first contacts between Europeans and American Natives. The author accomplishes an extensive analysis of the previous bibliography, specifically mentioning the works of feminist authors that aimed to reassess the way that Native American women were portrayed. Taking as source the account of the French capuchin priest Claude d'Abbeville, that lived four months in the Island of Maranhão in the year 1612, Laura Fishman reflects on the statute of Tupi women, in comparison with that of the European women, and comments on the potentialities and insufficiencies of the available sources.

**Keywords:** Gender relations. Equinoctial France.

---

#### References

- ANDERSON, Karen. **Chain Her By One Foot: The Subjugation of Native Women in Seventeenth-Century New France.** New York: Routledge, 1991.
- AXTELL, James. **Natives and Newcomers: The Cultural Origins of North America.** New York: Oxford University Press, 2001.

BIET, Antoine. **Voyage de la France Equinoxiale en l'Isle de Cayenne**. Paris: F. Clovzier, 1664.

BOUCHER, Philip P. **Les Nouvelles Frances: France in America, 1500–1815: An Imperial Perspective**. Providence: John Carter Brown Library, 1989.

BRASSER, T. J. “Early Indian-European Contacts”. In: **Handbook of North American Indians**, ed. William C. Sturtevant. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1978.

BROWN, Judith K. “Iroquois Women: An Ethnohistoric Note”. In: **Toward an Anthropology of Women**, ed. Rayna R. Reiter. New York: Monthly Review Press, 1975.

CHINARD, Gilbert. **L'Exotisme américain dans la littérature française au XVIe siècle**. Paris: Hachette, 1911.

\_\_\_\_\_. **L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVIIe et au XVIIIe siècle**. Paris: Droz, 1934.

D'ABEVILLE, Claude. **Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines ou est traicte des singularitez admirables et des Meurs merveilleuses des Indiens habitans de ce pais**. Paris: François Huby, 1614.

DAHER, Andrea. **Les Singularités de la France equinoxiale: Histoire de la mission des Capucins au Brésil**. Paris: Honoré Champion, 2002.

DAVIS, Natalie Z. “Women on Top”. In: **Society and Culture in Early Modern France**. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1975.

DEVENS, Carol. **Countering Colonization: Native American Women and Great Lakes Missions, 1630–1900**. Berkeley: University of California Press, 1992.

DIVALE, William T. Female Status and Cultural Evolution: A Study in Ethnographer Bias. **Behavior Science Research** 11 (1976): 169–211.

ETIENNE, Mona; LEACOCK, Eleanor B. **Women and Colonization: Anthropological Perspectives**. New York: Praeger, 1980.

EVENNETT, H. Outram. **The Spirit of the Counter Reformation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

FENTON, William N. “Northern Iroquoian Culture Patterns”. **Handbook of North American Indians**, vol. 15, Northeast, 315–16.

HEMMING, John. **Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians, 1500–1700**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1978.

HUNT, Tamara L.; LESSARD, Micheline R. **Women and the Colonial Gaze**. New York: Palgrave, 2002.

LAFITAU, Joseph-François. **Moeurs des sauvages américains**, comparées aux mœurs des premiers temps, 2 vols. Paris: Saugrain l'Ainé, 1724.

LEACOCK, Eleanor B. **Myths of Male Dominance**. New York: Monthly Review Press, 1981.

LÉRY, Jean de. **Histoire d'un voyage Faict en la Terre du Brésil**, ed. Paul Gaffarel, 2 vols. Paris: Lemerre, 1880.

LESKO, Barbara S. "Women of Ancient Egypt and Western Asia". In: **Becoming Visible: Women in European History**, ed. Renate Bridenthal, Susan Mosher Stuard, e Merry E. Wiesner, 3d ed. Boston: Houghton Mifflin, 1988, 32–42.

LEVACK, Brian P. **The Witch-Hunt in Early Modern Europe**. London: Longman, 1987.

MÉTRAUX, Alfred. "Les Précurseurs de l'éthnologie en France du XVIe au XVIIIe siècle". **Cahiers d'histoire mondiale** 7 (1963): 721–38.

\_\_\_\_\_. "The Tupinamba". In: **Handbook of South American Indians**, 7 vols., ed. Julian H. Steward. Washington, D.C.: United States Government Printing Office, 1946–59, 3:120ff.

MONTEIRO, John M. "Tupinamba". In: **Encyclopedia of Latin American History and Culture**, 5 vols. New York: Scribner, 1996, 5:283.

MONTER, E. William. **Witchcraft in France and Switzerland: The Borderlands During the Reformation**. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1976.

PERDUE, Theda. Writing the Ethnohistory of Native Women. In: **Rethinking American Indian History**, ed. Donald L. Fixico. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997, p. 73–86.

PIRE, G. "Jean-Jacques Rousseau et les Relations de Voyages". **Revue d'histoire littéraire de la France** 56 (1956): 355–58.

RAPLEY, Elizabeth. **The Dévotes: Women and Church in Seventeenth-Century France**. Montreal and Kingston: McGill-Queens University Press, 1990.

SAGARD-THÉODAT, Gabriel. **Le Grand Voyage du Pays des Hurons**. Paris: Chez Denys Moreau, 1632.

SHANNON, Silvia C. "Religious Struggle in France and Colonial Failure in Brazil, 1555–1615". **French Colonial History** 1 (2002): p. 51–62.

SHOEMAKER, Nancy. **Negotiators of Change: Historical Perspectives on Native American Women**. New York: Routledge, 1995.

SLEEPER-SMITH, Susan. "Women, Kin, and Catholicism: New Perspectives on the Fur Trade". **Ethnohistory** 57 (2000): 423–53.

\_\_\_\_\_. **Indian Women and French Men: Rethinking Cultural Encounter in the Western Great Lakes**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2001.

SMITS, David D. "The 'Squaw Drudge': A Prime Index of Savagism". **Ethnohistory** 29 (1982): 281–306.

SOCLOW, Susan M. **The Women of Colonial Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

TERTRE, Jean Baptiste du. **Histoire Generale des Antilles Habitées par les François**, 4 vols. Paris: T. Iolly, 1667-71, 2:357.

THEVET, André. **The New Found Worlde**, or Antarctike, trans. Thomas Hacket. London: H. Bynneman for T. Hacket, 1568.

TIFFANY, Sharon W.; ADAMS, Kathleen J. **The Wild Woman**: An Inquiry into the Anthropology of an Idea. Rochester, Vt.: Schenkman Books, 1985.

WALKER, Claire. "Combining Martha and Mary: Gender and Work in Seventeenth-Century English Cloisters". **Sixteenth Century Journal** 30 (1999): 397-418.

WIESNER, Merry E. **Women and Gender in Early Modern Europe**, 2d ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

---

#### SOBRE A AUTORA

**Laura T. Fishman** era doutora em sociologia pela Universidade McGill (Montreal, Canadá); foi professora em diversas Universidades Estadunidenses, entre elas a City University of New York; em sua carreira acadêmica desenvolveu diversos estudos sobre relações raciais e foi uma especialista reconhecida no campo da justiça criminal. Faleceu aos 76 anos, em 22 de maio de 2014.

---

Recebido em 18/10/2017

Aceito em 17/11/2017